

A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil. Notas para uma Discussão*

Glaucia Villas Bôas

Nos últimos anos, aumentou notavelmente o interesse pela leitura de sociólogos alemães no Brasil. Autores como Simmel, Max Weber, Tönnies e Elias têm sido objeto de discussão em salas de aula de cursos de graduação e seminários de pós-graduação. Suas idéias e conceitos fazem parte de quadros referenciais de teses e projetos de investigação. Novos livros, ainda que em número reduzido, têm sido publicados por editoras brasileiras, a exemplo de *Filosofia do Amor* de Georg Simmel, *A Racionalidade na Música* de Max Weber, *O Processo Civilizatório* de Norbert Elias, e também uma coletânea de textos de Tönnies. A leitura desses autores acrescenta-se àquelas das obras de Habermas, Claus Offe e Luhmann, ampliando e diversificando o espectro dos autores alemães de interesse do público brasileiro especializado no campo da Sociologia.

É curioso notar que este interesse ocorre justamente nos meios sociológicos brasileiros, onde é comum a afirmação de que as ciências sociais, particularmente a Sociologia, seria fruto de um casamento bem-sucedido da teoria sociológica francesa com os métodos empíricos norte-americanos, casamento mantido até os dias de hoje. Embora não haja estudo que confirme este traço da disciplina, suspeito que a afirmação se deva aos efeitos da presença de mestres franceses e norte-americanos, no mo-

mento de fundação da disciplina, sobretudo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde a Sociologia cresceu e tomou vulto juntamente com as Faculdades de Filosofia criadas na década de 30.

De fato, à primeira vista, a tradição sociológica brasileira tem pouca afinidade com o pensamento sociológico alemão. Não distinguimos as ciências da cultura das ciências da natureza de modo a conceber a Sociologia como ciência do espírito ou da cultura, como ocorreu no contexto alemão à época do surgimento da disciplina. Tampouco estamos habituados a distinguir a condição interessada do cientista social, como sujeito de um saber instrumental, de um ideal ascético da neutralidade, como exigência fundamental da compreensão deste "outro", objeto de conhecimento sociológico. Ao contrário, a Sociologia brasileira buscou engajar-se no processo de desenvolvimento histórico do país.

Mas, apesar dos contrastes e das diferenças, há indícios de que a Sociologia alemã tem um lugar na tradição brasileira. Qual seria este lugar? A pergunta leva, quase de imediato, a pensar em estudos voltados para o rastreamento de influências recebidas por um autor ou grupo de intelectuais; leva a pensar em filiações a correntes de pensamento e construção de genealogias possíveis. A propósito deste

* Este texto foi apresentado em 1996 no seminário As Relações Brasil-Alemanha: Balanço e Perspectivas, realizado em Konstanz, sob a promoção da Arbeitgemeinschaft Dutscher Lateinamerika Forschung (ADLAF) e do Instituto de Cooperação Científica de Tübingen; no grupo do Laboratório de Pensamento Social do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), e em seminário promovido pelo Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp, campus Marília. Agradeço a contribuição de todos os que leram e discutiram comigo o trabalho.

assunto, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989, pp. 378-38), em artigo sobre as ciências sociais, chega a dizer que, no Brasil,

“o pendor mais forte dos estudiosos é para descobrir as correntes de pensamento vindas do exterior e sua influência sobre os pesquisadores nacionais. Mesmo que se reconheça ser necessário analisar a situação interna do país, não se leva adiante uma investigação que esclareça qual é ela e se pode ou não exercer uma função determinante”.

Não é, porém, desta perspectiva que questiono o lugar da Sociologia alemã no Brasil. Ao desejo de procurar “origens” e “causas” contraponho, nesta exposição, o desejo de saber como as idéias são acolhidas fora do contexto social onde foram elaboradas e para além de sua época histórica, privilegiando as escolhas feitas por leitores, portadores de outra história, cultura e valores, e as interpretações que deram àquelas idéias. Com isto quero dizer que não trato da influência da Sociologia alemã no Brasil, mas procuro apontar alguns problemas relativos à sua recepção, com o propósito de conhecer não apenas o fenômeno da circulação das idéias, mas principalmente, através dele, a identidade cognitiva da Sociologia brasileira. Para tanto, recuo no tempo e focalizo o momento de configuração acadêmico-científica da disciplina no contexto brasileiro.

O Florescimento da Sociologia no Brasil nas Duas Primeiras Décadas do Pós-Guerra

Quando a Sociologia surge no Brasil como disciplina acadêmico-científica, não indaga dos fundamentos da associação entre os homens, à maneira dos estudiosos franceses, nem da possibilidade teórica e metodológica de conhecer a sociedade, à maneira dos alemães. Tampouco a ela interessavam as reformas sociais ou a integração de grupos de diferentes origens étnicas nas grandes cidades, a exemplo dos sociólogos norte-americanos que fundaram o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. A pergunta que funda a disciplina já estava inscrita na tradição de pensamento sobre o Brasil e dizia respeito à iden-

tidade da sociedade brasileira. Interessava investigar problemas concretos do país, principalmente, conhecer suas peculiaridades para saber das suas possibilidades de integrar-se ao concerto das nações modernas. Os sociólogos imprimiram uma marca própria a esta questão, tratando de verificar as mudanças sociais do ponto de vista da diferenciação e desigualdade sociais. Fizeram a crítica da abordagem culturalista dos problemas brasileiros, relegando a segundo plano as diferenças de ordem cultural — que constituíam o cerne de tantos estudos até aquela época —, assim como deixaram de lado o estudo da atuação do Estado como propulsor da nação, problema que ocupava os historiadores políticos.¹

As primeiras pesquisas sociológicas começaram a ser publicadas em livro no Brasil no final da década de 40 e início dos anos 50. Eram resultado dos primeiros esforços para formar pesquisadores no campo das ciências sociais, nas Faculdades de Filosofia, criadas no país na década de 30. Quando pesquisei o conjunto de livros constantes do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, observei que a produção dos 20 anos do pós-guerra, que transcorrem de 1945 a 1964, forma um todo coerente, que se divide em duas partes distintas relativamente ao leque temático, às questões propostas e à metodologia (Villas Bôas, 1992).

Nos dez primeiros anos daquele período, uma parte significativa da produção sociológica estava voltada para o conhecimento do mundo rural brasileiro. O exame do meio rural do país levava os sociólogos a focalizarem as relações de patriarcas, senhores de engenho, coronéis, jagunços, parceiros, arrendatários e trabalhadores rurais. A convivência de novas e velhas relações de trabalho, as condições da propriedade rural e a influência do meio rural na vida política do país eram temas que chamavam a atenção dos pesquisadores na época. Os livros *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Cândido de Mello e Souza, e *Lutas de Família no Brasil*, de Luiz Costa Pinto, são exemplos do interesse em perscrutar o mundo

rural brasileiro neste primeiro momento de fundação da disciplina.

Havia também uma outra questão a interessar os jovens sociólogos: queriam avaliar a mobilidade social de diferentes grupos étnicos: negros, brancos, migrantes, imigrantes de diferentes nacionalidades, alemães, libaneses, japoneses, italianos. Thales de Azevedo pesquisou a ascensão social de grupos negros na cidade de Salvador; Luiz Costa Pinto escreveu sobre as relações entre negros e brancos na cidade do Rio de Janeiro; Emílio Willems publicou *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Além dessas pesquisas, um livro pioneiro antecede os estudos sobre os trabalhadores, suas associações e sindicatos: *O Sindicato Único no Brasil*, de Evaristo de Moraes Filho, vem a público também nesta época.

Na realidade, estas pesquisas oferecem um quadro rico de hábitos, maneiras de pensar e trajetórias de vida de diferentes atores sociais. Não são conhecidas das gerações seguintes de pesquisadores. Creio que a crítica, às vezes avassaladora, feita à Sociologia da década de 50 — vista, no seu conjunto, como uma Sociologia desenvolvimentista e economicista, por vezes funcionalista e marxista — não permitiu distinguir e avaliar com clareza a produção daquela fase. Somente nos últimos anos as revisões do pensamento sociológico têm chamado a atenção para elas, que começam a ser reeditadas e lidas em cursos e seminários de formação. Algumas obras incluem meses de trabalho de campo, entrevistas e depoimentos de representantes de diferentes grupos sociais; outras se baseiam em farta e minuciosa documentação histórica. Tratam de problemas concretos da vida de grupos sociais, sua mentalidade, ideais, desejos e maneiras de realizá-los. Não concebem o país como uma totalidade histórica e social em transformação, porém delineiam um quadro realista da vida de coletividades menos afortunadas, mediante o qual trazem à discussão o problema das desigualdades e da necessidade de mudanças sociais. Não há, nesta fase, uma recusa do passado da sociedade brasileira. As continuidades se

apresentam juntamente com as mudanças na sua positividade.

A partir de meados dos anos 50, fase de acelerado crescimento industrial do país, uma mudança sensível opera-se na configuração da disciplina. A questão da modernidade se impõe à Sociologia. O transplante de idéias, padrões científicos, hábitos e costumes “racionais” passa a constituir um dos focos polêmicos da atenção dos sociólogos. Embora discordassem quanto à modalidade de integração do Brasil no conjunto das sociedades modernas, aceitavam este desafio como uma exigência histórica, política e intelectual.² Neste momento, torna-se difícil distinguir os ideais de modernidade almejados pelos sociólogos das tarefas próprias da Sociologia. Os sociólogos apostam na universalidade dos processos de racionalização, industrialização e padronização do mundo, abandonando definitivamente as diferenças culturais, consideradas resquícios de um passado indesejável.

Não apenas se amplia o leque temático da disciplina, como se ampliam suas diretrizes teóricas. Os pesquisadores passam a tratar de temas rurais e urbanos tendo agora como quadro de referência o processo de transformação da sociedade de base agrária em sociedade industrial. São muitas as obras deste período. Entre outras, destaco as de Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Guerreiro Ramos, Fernando Henrique Cardoso, Marialice Forachi, Octávio Ianni, Luiz de Aguiar Costa Pinto e Juarez Brandão Lopes.

Três características são significativas na produção sociológica deste período. Primeiro, a Sociologia alarga os horizontes teóricos da tradição de pensamento no Brasil, mostrando a diferença social entre os homens a partir de sua inserção desigual no processo de trabalho. A diferenciação das coletividades deixou de se basear nas suas origens étnicas, na cor da pele, na religião e na cultura para encontrar na categoria trabalho um critério válido. Dando continuidade ao que esboçara na fase anterior, a Sociologia marca época descortinando as desigualdades sociais com base neste critério. Não era por isso uma Sociologia marxista; nem

realizou estudos das classes sociais de forma dogmática. Continuou a estudar os grupos desfavorecidos, imigrantes, migrantes, negros etc., dos quais, acreditava, dependia a realização do projeto da sociedade moderna no Brasil. Certamente, deve-se à Sociologia da década de 50 a legitimidade de uma nova abordagem das diferenças sociais.

Segundo, a Sociologia incorpora definitivamente uma concepção moderna de história. Diz Hannah Arendt que,

“[...] na época moderna a história emergiu como algo que jamais fora antes. Ela não mais se compôs dos feitos e sofrimentos dos homens, e não contou mais a história dos eventos que afetaram a vida dos homens; tornou-se um processo feito pelo homem, o único processo global cuja existência se deve exclusivamente à raça humana” (Arendt, 1979, p. 89).

Com raras exceções, a idéia de processo contida na visão moderna, teleológica e “etapista” da História marca os fundamentos teóricos dos estudos sociológicos desta época. O projeto histórico de transformação do país toma conta da capacidade de analisar sua inserção na modernidade — não se consideram mais as diferenças culturais e históricas. O atraso do Brasil deve ser superado a qualquer custo. A Sociologia torna-se programática.

Terceiro, um dos temas mais discutidos pelos sociólogos é o seu próprio papel numa sociedade de mudanças. Nesta segunda fase, os sociólogos passaram a se considerar atores das mudanças sociais. Deixam de ocupar o mero lugar de espectadores da cena das mudanças para nelas atuar, fazendo uso de seus conhecimentos. O engajamento político e intelectual dos sociólogos serve, em grande medida, para legitimar a Sociologia como um saber científico válido.

Os Sociólogos Alemães Escolhidos

A estes dois momentos da fundação da Sociologia brasileira correspondem, provisoriamente, de acordo com minhas primeiras observações, duas modalidades distintas de recepção das idéias e autores da Sociologia alemã. No primeiro deles, observam-se refe-

rências a Georg Simmel, Werner Sombart, Alfred Vierkandt, Richard Thurnwald, Karl Dunkmann (do círculo sociológico de Berlim), mas também a Ferdinand Tönnies e Leopold von Wiese. Um exemplo encontra-se em *Lutas de Família no Brasil*, de Luiz de Aguiar Costa Pinto, publicado em 1949. Costa Pinto estava interessado, particularmente, na distinção do *paterfamilias*; queria mostrar, através do estudo de casos, os conflitos pelo poder de famílias proprietárias de terra. Além de referências a autores franceses, ele discute trabalhos de Vierkandt, Dunkmann e, sobretudo, de Thurnwald, que tratou daqueles problemas de maneira exaustiva na sua *Etnologia do Direito*. Outro exemplo é o livro de Evaristo de Moraes Filho, *O Sindicato Único no Brasil*, publicado em 1952. Moraes Filho examina e discute o conceito de grupo social fazendo uso de autores franceses, norte-americanos e alemães. Entre estes últimos, novamente aparecem Tönnies, Simmel, Vierkandt, Dunkmann, Sombart, e também obras de Max Weber (embora não se refira ao seu *Economia e Sociedade*).

Os sociólogos alemães recebidos neste período são representativos de uma vertente cuja concepção de sociedade tem como fundamento as relações, interações e ações de indivíduos e grupos. A idéia de grupo social impunha-se, naquele momento, como um instrumento sociológico importante na definição da identidade da disciplina. Não só a diferenciava da Antropologia feita até aquela época, como se mostrava mais adequada para a realização das pesquisas empíricas do que o conceito genérico de humanidade contido no pensamento de Comte e Spencer. Em um trecho de seu livro, Evaristo de Moraes Filho deixa isso claro:

“[...] a Sociologia abandonando o conceito genérico e universal de sociedade global, abrangendo a humanidade inteira como um todo, para cingir-se a conceito mais modesto e limitado de grupo social. A Sociologia do século XX é a ciência social. Descobriu ela que, dentro da grande humanidade, existe uma infinidade de grupos concretos, de todos os matizes e com os fins mais diversos possíveis” (Moraes Filho, 1978, p.19).

Como chegavam ao Brasil, nos anos 40-50, justamente aqueles sociólogos alemães que

ocuparam um lugar de destaque nas primeiras décadas do século nas cidades de Berlim, Kiel e Colônia? Um dos caminhos foi, sem dúvida, a revista *Sociologia*. Fundado em 1939, este periódico exerceu um papel importantíssimo na divulgação da Sociologia alemã no país, sobretudo naquele contexto histórico, em que a produção de livros e o mercado editorial começavam a dar seus primeiros passos. Durante largo período a revista ficou sob a direção de Emílio Willems, então professor da Escola de Sociologia e Política, na cidade de São Paulo (Alves, 1993). René König, seu contemporâneo na Universidade de Berlim no início dos anos 30, conta que Willems fora assistente de Richard Thurnwald e emigrou para o Brasil em 1933 com Herbert Baldus, que desempenhou papel importante no campo da Etnologia (König, 1981a). Willems traduzia os artigos dos sociólogos alemães para a revista, dedicando-se especialmente à obra do mestre Thurnwald. Começa pela *Etnologia do Direito* e, na década de 40, traduz *Sociologia Econômica e Teoria do Desenvolvimento do Estado e da Cultura*. Thurnwald era conhecido em Berlim como etno-sociólogo pouco apaixonado pelas questões políticas, mas segundo König (1981b, p. 39), seus escritos sobre o desenvolvimento pareciam “um verdadeiro manifesto à época do surgimento do ‘terceiro mundo’”. O perfil intelectual de Thurnwald muito provavelmente adquiriu novo significado para Willems no Brasil, uma vez que, àquela época, nem o debate sobre o desenvolvimento, nem as fronteiras entre a Sociologia e a Antropologia estavam bem delineadas nos meios intelectuais brasileiros.

Emílio Willems dividiu as responsabilidades editoriais da revista com Donald Pierson, sociólogo norte-americano, aluno de Robert Park, um dos fundadores da Escola de Chicago, que estudara na Alemanha e se tornara importante divulgador da obra de Georg Simmel nos Estados Unidos. Penso que é importante destacar esta parceria de Willems e Pierson. Em certa medida, os sociólogos traduzidos por Willems pertencem à mesma corrente de idéias da sociologia alemã que “emigra”

para os Estados Unidos no início do século e encontra seus principais representantes nas figuras de Simmel, Tönnies e Leopold von Wiese. Max Weber, por exemplo, só vai merecer atenção décadas depois. O encontro de Willems e Pierson não me parece fortuito. Trata-se de um encontro de pontos de vista próximos, afins, que refletem uma vertente do pensamento sociológico na qual as interações, relações e ações de agentes sociais constituem o ponto de partida de estudos concretos. É interessante assinalar que esta vertente não terá continuidade, como veremos a seguir, não obstante a presença de Willems tenha se prolongado no Brasil e a grande consideração que por ele tiveram os sociólogos brasileiros, a exemplo de Florestan Fernandes. Somente muito mais tarde, na década de 70, antropólogos brasileiros estudiosos da Escola de Chicago vão retomar, pela ótica dos especialistas norte-americanos, a leitura de sociólogos alemães, principalmente Simmel, para abordar problemas da Antropologia urbana.

Na segunda fase, há uma mudança notável nas referências à Sociologia alemã. Na fase em que os sociólogos se identificam como atores das mudanças sociais e fazem valer seus ideais de modernidade como tarefas da Sociologia, as referências a Hans Freyer, Karl Mannheim e Max Weber aparecem com muita frequência nos seus escritos. A escolha parece ao menos curiosa, uma vez que os três sociólogos alemães integraram circuitos sociológicos distintos e tiveram trajetórias intelectuais bem diferentes. Mas ela adquire sentido quando se associam as idéias principais das obras alemãs citadas e as questões postas pelos sociólogos brasileiros naquele período.

Os livros de Freyer que aparecem mencionados com frequência são *A Sociologia como Ciência da Realidade e Teoria da Época Atual*; de Mannheim, *Ideologia e Utopia*; de Max Weber, *Economia e Sociedade*. A tradução espanhola de *Economia e Sociedade*, publicada em 1944, e a coletânea de textos de Weber organizada por Hans Gerth e Charles Mills, publicada em 1946 pela Oxford University Press, são leituras importantes nos meios

sociológicos brasileiros no período em foco. O mercado editorial começava a se consolidar no Brasil, mas os sociólogos alemães ainda eram lidos em língua espanhola ou inglesa; as traduções para o português só surgem depois de meados da década de 60, em sua maioria em coletâneas (cf. Souza Lima, 1994). Contudo, a recepção da Sociologia alemã não estará mais ligada a uma figura de peso, como fora Willem de la Motte Freyer na primeira fase. Dependerá, sim, da leitura e da interpretação de especialistas de tradição sobretudo anglo-saxônica, como é o caso da conhecida introdução de Louis Wirth à edição inglesa de *Ideologia e Utopia*, traduzida para a edição espanhola.

O que interessava aos sociólogos brasileiros nas obras alemãs escolhidas? De maneira sintética, pode-se dizer que o conceito manheimiano de "*freischwebenden Intellektuellen*" foi de grande importância; justificava uma participação singular dos intelectuais/cientistas no domínio da política. Na leitura de Hans Freyer importava a ênfase no papel da ciência no processo de desenvolvimento histórico. E, finalmente, em Max Weber, a idéia de racionalidade, cujo valor se opunha aos valores das práticas sociais "tradicionais" e era útil para detectar o "moderno" emergente na sociedade brasileira naqueles anos de acelerado crescimento industrial. A recepção de Mannheim e Freyer está inscrita nos escritos mais programáticos de Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos e Costa Pinto, nos quais procuravam delinear as bases da Sociologia que *deveria ser feita no Brasil*. De outro modo, o conceito de racionalidade de Max Weber difundiu-se em numerosos trabalhos de pesquisa sobre a passagem do tradicional para o moderno no Brasil, como mostra o artigo pioneiro de Fernando Correa Dias (1973).

Mais uma vez, as idéias e os conceitos tomados da Sociologia alemã a partir de meados dos anos 50 mostram-se coerentes com a orientação assumida pelos sociólogos brasileiros. Interessados na construção da sociedade moderna no Brasil e na participação ativa dos cientistas sociais neste processo, valorizavam na obra de Mannheim, Freyer e Weber justa-

mente as idéias que justificavam seus ideais, sem que houvesse interesse em examinar com mais acuidade os fundamentos da obra desses autores. Anos depois, novas orientações na Sociologia vão motivar outras escolhas. Nos dias de hoje, não se fala em Hans Freyer nos meios sociológicos brasileiros. *Ideologia e Utopia* de Mannheim ainda é referência em estudos nos campos da História das Idéias e da Sociologia do Conhecimento. Max Weber tornou-se, porém, de enorme importância na discussão sobre o caráter autoritário da idéia de totalidade histórico-social que marcou a Sociologia de meados dos anos 50. Não somente a Sociologia tem buscado argumentos para sua autocrítica no pensamento weberiano; também a Antropologia Social, que põe em xeque o caráter universal dos fenômenos e discute o etnocentrismo da civilização européia, procura fundamentos para suas orientações em Max Weber.

Conclusão

Em ambas as fases, a leitura da Sociologia alemã recai sobre autores ou obras que estiveram em evidência ou foram escritas nas primeiras décadas do século XX, no contexto histórico intelectual alemão. Há, portanto, um descompasso que interessa assinalar. No momento em que a Sociologia se institucionaliza, se legitima e começa a ser publicada em livro no Brasil, a Sociologia alemã se encontra em plena fase de reconstrução. Ao término da Segunda Guerra Mundial, os especialistas alemães discutiam a retomada de sua própria tradição e as influências dos métodos empíricos norte-americanos, que chegavam ao contexto intelectual alemão na mesma época em que eram recebidos no Brasil. Pouco recebemos desta discussão. Helmut Schelsky, T.W. Adorno e René König, provavelmente os sociólogos mais conhecidos naqueles anos, não foram lidos no Brasil. Adorno foi recebido décadas depois, tornando-se mais significativo no campo da Filosofia e da Teoria da Comunicação, da ensaística literária, do que no da Sociologia.

Durante o período abordado, há duas modalidades de recepção da Sociologia alemã.

Uma delas ocorre de forma *direta*, através de Emílio Willems; a outra é *indireta* e depende da leitura e interpretação que sociólogos brasileiros fizeram da interpretação que autores norte-americanos ou ingleses deram aos textos alemães. Não gostaria de chamar esta segunda modalidade de uma recepção de “segunda mão”, imprimindo-lhe uma qualidade negativa. Ao contrário, esta é uma questão importante que distingue a recepção da Sociologia alemã, a qual seria preciso aprofundar, analisando os diferentes valores contidos nas diversas leituras.

Creio, entretanto, que o descompasso no tempo e o “descompasso” na interpretação das idéias e conceitos tomados da Sociologia alemã se tornam significativos — para a compreensão do lugar que a Sociologia alemã ocu-

pa na Sociologia brasileira — somente se associados às questões e aos problemas que ocupam os estudiosos brasileiros em diferentes momentos históricos. O exemplo da Sociologia feita no Brasil nas duas primeiras décadas do pós-guerra indica que a recepção de idéias está intimamente relacionada com as questões relevantes postas no campo da Sociologia naquele período. Neste caso, o exame do descompasso não seria tão importante quanto o estudo do lugar próprio da Sociologia alemã, cujas peculiaridades valeria investigar em estudo aprofundado.

(Recebido para publicação
em outubro de 1997)

Notas

1. Na minha tese de doutorado mostro como se delineiam os temas e as questões de diferentes disciplinas, inclusive da História. Cf. Villas Bôas (1992).
2. Discuto esta questão em Villas Bôas (1994).

Bibliografia

- Alves, Andrea Moraes
1993 Alguns Temas e Problemas da Sociologia no Brasil. Uma Análise de Conteúdo da Revista Sociologia (1939/1941). Tese de mestrado, Rio de Janeiro, IUPERJ.
- Arendt, Hannah
1979 *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo, Perspectiva.
- Bourdieu, Pierre
1990 “Les Conditions Sociales de la Circulation Internationale des Idées”. *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte*, Ano 14.
- Dias, Fernando Correa
1973 “Presença de Max Weber na Sociologia Brasileira Contemporânea”. *Série Sociologia*, Brasília, Depto. de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, n. 3.
- König, René
1981a “Die Situation der emigrierten deutschen Soziologen”, in Wolf Lepenies (org.), *Geschichte der Soziologie. Studien zur Kognitiven, Sozialen und Historischen Identität einer Disziplin*, Frankfurt a/M, Suhrkamp Verlag.
- 1981b “Soziologie in Berlin um 1930”. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Sonderheft 23, organizada por R. König, F. Neidhardt e M. R. Lepsius, Opladen, Westdeutschen Verlag.
- Lepenies, Wolf (org.)
1981 *Geschichte der Soziologie. Studien zur Kognitiven, Sozialen und Historischen Identität einer Disziplin*. Frankfurt a/M, Suhrkamp Verlag.

- 1990 *Les Trois Cultures. Entre Science et Littérature l'Avènement de la Sociologie*. Paris, Éditions de La Maison des Sciences de L'Homme.
- Moraes Filho, Evaristo de
1978 *O Sindicato Único no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega.
- Pereira de Queiroz, Maria Isaura
1989 "Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e a Contribuição Européia: O Caso Brasileiro". *Ciência e Cultura*, 41 (4), abril.
- Souza Lima, Antonio Carlos
1994 "As Traduções da Obra de Max Weber no Brasil. Elementos para uma Reflexão". *Antropologia Social. Comunicações do PPGAS*, n.º 3, julho.
- Villas Bôas, Gláucia
1992 A Vocação das Ciências Sociais no Brasil (1945/1964). Um Estudo de sua Produção em Livro. Tese de doutoramento, São Paulo, FFLCH, Universidade de São Paulo.
- 1994 "Das Dilemma der brasilianischen Sozialwissenschaften", in Detlev Schelsky e Rüdiger Zoller (orgs.), *Brasilien. Die Unordnung ders Fortschritts*, Lateinamerika-Studien 33, Munique, Vevuert Verlag.

Resumo

A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil: Notas para uma Discussão

O artigo tem como finalidade mostrar que a Sociologia alemã foi recebida no contexto brasileiro dos anos 40 a 60, muito embora se considere que no Brasil a disciplina tenha resultado de casamento bem-sucedido entre a teoria francesa e os métodos empíricos norte-americanos. Sugere duas modalidades de recepção: a primeira delas "direta", ligada ao trabalho de Emilio Willems na revista *Sociologia*, fez, sobretudo, a leitura de conceitos e idéias de sociólogos do "Círculo de Berlim", entre eles Simmel e Sombart, t picos representantes de uma concepção de sociedade fundada nas relações e intera es dos indivíduos; a segunda "indireta" foi apadrinhada por autores ingleses ou norte-americanos. Corresponde à fase em que os sociólogos se identificam como atores das mudanç as sociais e fazem valer os ideais de modernidade como tarefas da Sociologia. Para a construção da "boa sociedade", a referência a Hans Freyer, Karl Mannheim e Max Weber torna-se de enorme importância.

Abstract

The Reception of German Sociology in Brazil

The article seeks to demonstrate that German sociology penetrated Brazil during the 1940s-1960s, contrary to the prevailing belief that this field made its way into the country solely as a successful marriage of French theory and US empirical methods. Sociological thought was in fact introduced via two paths. The first was a direct one, linked to Emilio Willems' work in the revista *Sociologia*. It was essentially a reading of the concepts and ideas defended by sociologists from the Berlin Circle — including Simmels and Sombart, typical representatives of a view of society grounded on relations and interactions between individuals. The second, indirect route was "sponsored" by English or US authors. It corresponds to the phase when sociologists identified themselves as agents of social change and posited the ideals of modernity as tasks of sociology. In the construction of the "good society", reference to Hans Freyer, Kurt Mannheim, and Max Weber is vital.